

EDITORIAL

Mais uma vez, a Revista Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG dedica um fascículo à arqueologia pré-histórica. Contudo, enquanto tradicionalmente publica nesta disciplina artigos de cunho preferencialmente metodológico ou regional, apresenta desta vez, nos dois fascículos do volume 25, trabalhos relativos à Amazônia oriental. A razão deste interesse para a arqueologia do norte do país é dupla. Nestes últimos anos, viajei ao Maranhão e ao Amapá, para visitar coleções de arqueologia destes estados, com o objetivo de enriquecer meus conhecimentos para escrever um novo livro de síntese sobre arqueologia do Brasil. Agora no prelo, esta obra pretende atualizar o livro “Arqueologia Brasileira”, há tempo ultrapassado. Estava particularmente curioso para ver materiais e sítios relacionados aos sambaquis e palafitas do Maranhão, assim como em conhecer os megalitos e as cerâmicas do estuário do rio Amazonas. Verifiquei então que os jovens pesquisadores que estão implantando a arqueologia nestes estados até há pouco quase inexplorados arqueologicamente, estavam conseguindo importantes resultados para a arqueologia do Brasil setentrional. Aproveitei a oportunidade para solicitar destes arqueólogos contribuições para o presente fascículo dos Arquivos. Por uma feliz coincidência, Mariana Cabral, que eu tinha visitado em 2013 no IEPA do Amapá, integrou agora os quadros da UFMG, tornando-se coordenadora do Setor de Arqueologia Pré-Histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico.

A outra razão de interesse pela Amazônia oriental se deve ao programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da FAFICH-UFMG, que foi implantado visando a criar uma melhor integração entre professores e estudantes de ambas as disciplinas – antropologia e arqueologia. Foi neste sentido que o Dr. Ruben Caixeta nos propôs um trabalho conjunto na região dos formadores do rio Trombetas. Esse antropólogo há mais de um decênio estuda as comunidades Waiwai do noroeste do Pará e contribuiu à demarcação de terras indígenas do vale do rio Trombetas. Desejava que os arqueólogos contribuíssem a

reforçar os pleitos dos indígenas através do levantamento e do estudo de sítios arqueológicos nesta área arqueologicamente desconhecida. Foi assim que orientei à última fase da Missão arqueológica franco-brasileira para o norte, além de solicitar, em conjunto com o Dr. Caixeta, um financiamento da FAPEMIG.

Neste primeiro fascículo do volume relativo ao ano de 2016 estão reunidos os artigos que não se relacionam à expedição organizada pela UFMG, enquanto no próximo fascículo apresentaremos os principais resultados das nossas pesquisas no vale do rio Trombetas. Iniciamos este fascículo com quatro artigos que apresentam vários aspectos das ocupações pré-históricas do Maranhão, por ordem cronológica.

O estudo de Arkley Bandeira mostra a existência, na faixa litorânea, de ocupações caracterizadas por uma cerâmica original, que sucede ao período sambaquiano – o mais antigo conhecido atualmente no estado. Esta cerâmica comporta formas mais complexas que as vasilhas dos sambaquis e não apresenta o antiplástico de conchas que caracterizava sua predecessora. Sobretudo, é particularmente original pela bela decoração incisa, muitas vezes zonada, que nos lembrou, quando visitamos as coleções, a fase Ananatuba definida na Ilha de Marajó por B. Meggers e C. Evans. No entanto, convém notar que as datas atualmente disponíveis para esta nova cerâmica (geralmente ao redor de 1.200 BP) são mais recentes que a idade atribuída às ocorrências Ananatuba.

O artigo de Deusdedit Carneiro Leite Filho apresenta recentes pesquisas do autor em várias palafitas da região de Penalva. O destaque vai para a reconstituição das estruturas de habitação, proposta a partir da planta de milhares de postes observados durante períodos de estiagem dos lagos. As habitações, para o autor, teriam formado vários alinhamentos paralelos entre si. Ousaremos sugerir outra possibilidade: cada alinhamento poderia corresponder à margem inundável da lagoa em diversas fases de avanço ou recuo das águas. Neste caso, os diversos alinhamentos não seriam contemporâneos entre si. Somente a multiplicação das datações permitirá decidir

entre estas duas hipóteses.

Alexandre Guida Navarro também nos informa sobre palafitas – a partir de outros sítios, por ele pesquisados, mas com ênfase nos artefatos de cerâmica. Descreve particularmente as curiosas figurinhas zooantropomorfas de cerâmica, que acredita serem talvez associadas a rituais comportando ingestão de matérias alucinógenas. Também apresenta as vasilhas pintadas de preto que evidenciam características completamente originais em relação às tradições já definidas no Brasil. Alguns potes, no entanto, apresentam pinturas vermelhas de cunho distinto que, quando as vimos em São Luís, nos pareceram expressar uma influência tupi-guarani. Isto, não por importação de cerâmica desta tradição, mas por inspiração temática e organizacional da decoração, feita sobre vasilhas de forma e pasta nitidamente local. Esta cerâmica das palafitas fornece um belo exemplo das relações entre populações ceramistas de tradições distintas – um fenômeno que vem sendo observado cada vez mais pelos arqueólogos, particularmente na região amazônica.

Lilian Panachuk justamente aborda os sítios tupiguarani estudados pela SCIENTIA Consultoria na Ilha de São Luís, comparando-os com ocorrências conhecidas em terra firme. Mostra, particularmente, a variedade das formas de decoração que pode ser observada entre sítios que ocupam zonas geográficas distintas e apresentam também antiguidades diferentes. Formas decorativas mais próximas daquelas conhecidas para o litoral nordestino (Pernambuco, Ceará) parecem corresponder aos sítios mais recentes (possivelmente relacionados às migrações ainda observadas pelos cronistas no início do período histórico), enquanto os sítios mais antigos evocariam aspectos encontrados no sudeste do Pará.

O texto que elaborei com Marcony Alves apresenta uma nova categoria de esculturas de pedra. Já se conheciam os pequenos muiiraquitã polidos – geralmente de pedra verde – e os “ídolos” de esteatita – estes, incisos em suportes achatados. A nova categoria é formada por esculturas maiores, de quadrúpedes em pleno relevo (ronde bosse) formatadas por picoteamento em rochas duras. Estes objetos foram

encontrados imersos em cursos d'água (um deles, em uma cachoeira de afluente do rio Mapuera, em território Waiwai); dois deles vem de um garimpo do Tapajós (perto de Altamira), enquanto uma quarta peça, vista no Museu histórico de Macapá, teria sido encontrado na ilha de Caviana. Tratando-se de apenas quatro zoólitos encontrados em contexto impreciso, nos limitamos a propor uma descrição destes artefatos, esperando que outras peças parecidas sejam encontradas no futuro. Também apresentamos um “ídolo” inédito encontrado no lago Sapucúá; feito em argilite cor de rosa, figura um boto – um tema até então não registrado entre estas esculturas.

A participação de João Saldanha e Mariana Petri-Cabral descreve as pesquisas realizadas pelos autores no sudeste do Amapá, em sítios que tinham até então recebido pouca atenção – já que os arqueólogos tinham se dedicado principalmente aos sítios megalíticos com poços funerários e aos cemitérios Maracá sob abrigo. Os dois pesquisadores, apoiados em extensas escavações, mostram que houve uma ruptura na ocupação da região por volta de 800 AD. Antes desta data se notam sítios de tamanho pequeno, que parecem ter compartilhado espaços funerários especializados situados fora dos habitats, onde se acumulam numerosas urnas. A cerâmica predominante é de estilo Mazagão. Depois desta data, as aldeias se tornam maiores, apresentam estruturas complexas e as urnas funerárias se encontram enterradas em pequenas fossas dentro das aldeias. A cerâmica mais comum é Koriabo – uma tradição que não tinha sido reconhecida no Brasil até estes últimos anos. Nota-se que, em ambos os períodos, encontram-se vasilhas “importadas”, seja da ilha de Marajó (e características da fase Marajoara), seja da ilha de Caviana, evidenciando mais uma vez contatos estreitos entre ceramistas de diversos horizontes.

As duas últimas contribuições permitem ampliar o horizonte ainda mais para o norte, rumo ao litoral setentrional das Guianas e às Antilhas.

Catarina Falci, Annelou Van Gijn e Corinne Hofman propõem uma rápida revisão da dispersão dos muiquitã desde a Venezuela e as ilhas das Antilhas (onde muitos adornos de concha se preservaram) até o Brasil. A seguir, estudam as marcas de fabricação visíveis nas peças de uma coleção proveniente das suas escavações no Lago Valencia (Venezuela), onde estão associadas a uma cerâmica arauquinóide. Para ir além da simples reconstituição da cadeia operatória, as pesquisadoras trabalham numa óptica de “biografia cultural”, procurando as “cadeias de uso” (abordagem desenvolvida por Isabelle Sidéra), conceito que se aplica particularmente bem aos adornos de concha, mas também de nefrita. As autoras frisam o papel da disposição das camadas de calcita e de aragonita nas características mecânicas das conchas, criando dureza e respostas diferenciadas ao trabalho humano. Este aspecto merece ser considerado por quem, como os arqueólogos que trabalham em sambaquis, estuda indústrias conchíferas.

Stéphien Rostain faz um balanço crítico minucioso da arqueologia da Guiana francesa, além de apresentar, mais rapidamente, as pesquisas realizadas no Suriname e na Guiana. Este balanço é particularmente instrutivo quando comparado à evolução da arqueologia brasileira e, particularmente, amazônica. Em ambos os lados da fronteira, nota-se a progressiva burocratização da arqueologia, que leva muitos arqueólogos especializados em resgates a priorizar a coleta de artefatos, deixando de publicar os resultados, tornando assim os esforços e os investimentos inúteis para o conhecimento científico. Até recentemente, os pesquisadores brasileiros estavam isolados e quase não tinham contatos com seus colegas das Guianas. Os recentes encontros permitiram discutir abordagens metodológicas, problemas de campo e comparar os vestígios – particularmente as cerâmicas, a estruturação dos sítios, as terras pretas, as alterações antrópicas das paisagens (antes e/ou depois da colonização europeia), etc. Particularmente importante me parece o questionamento final: será que as técnicas de campo importadas das regiões temperadas do hemisfério norte devem e podem ser aplicadas sem adaptações em meio equatorial?

A resenha, também por Stéphen Rostain, do livro “Cerâmicas da Amazônia” comenta uma obra que resulta justamente de um encontro entre pesquisadores de toda a região amazônica. Dele participam representantes do Brasil, da Bolívia, dos Estados Unidos, da Finlândia, da Guiana Francesa, do Peru e do Portugal.

Terminamos este fascículo com a apresentação, por Fabrício Fernandino de uma rica exposição do Museu de História Natural e Jardim Botânico sobre o corpo humano e a saúde, realizada em parceria com o Instituto de Ciências Biológicas e a Escola de Belas Artes da UFMG. Os membros da equipe apresentam os vários aspectos técnicos e conceituais desta bela exposição.

André Prous – Editor dos Arquivos do MHN-JB da UFMG